

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:
CIDADE VIVA
INSTITUTO

denominação
Fazenda Caeté

código
AVII – FO1 – Por

localização
Bairro Nova Caeté – Rua Elias Habibe

município
Porciúncula

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pasto para gado de corte / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



casa-sede da Fazenda Caeté

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – abr 2010**
equipe **Marcelo Salim de Martino, Vitor Caveari Lage e Jean Carlos Rabelo Ferreira**
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão / data
Thalita Fonseca – ago 2010



situação

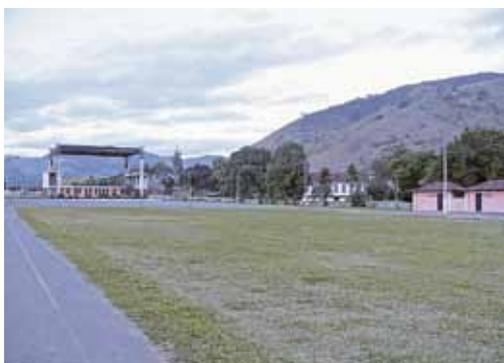


ambiência

A casa-sede da Fazenda Caeté (f01) está localizada, atualmente, no perímetro urbano do município de Porciúncula. Com um alqueire e meio de extensão, a propriedade tem como limite, à sua direita, a RJ-220, que interliga a BR-356 – no município de Itaperuna – com o município de Tombos, MG. Como limítrofe, à sua esquerda, está o Parque de Exposições José de Abreu Salgado (f02). A entrada da fazenda fica na Rua Elias Habibe, bairro de Nova Caeté, e uma aleia de *flamboyants*, sapucaias e árvores de outras espécies conduz à casa-sede da fazenda (f03).



01



02



03

Ao fundo da propriedade está localizado o pomar, que mantém diversas árvores frutíferas como mangueiras, jabuticabeiras, jameiros, cajueiros, jaqueiras, coqueiros, goiabeiras e cacaueiros (f04).

As únicas construções ali existentes, além da casa-sede, são: uma casa de colono (ver f01), uma baia (f05) e uma garagem para máquinas e implementos agrícolas (f06). A redução da propriedade – que está inserida no Vale do Caeté, onde estão também a Serra e o Ribeirão do Caeté – ocorreu ao longo dos anos em função das diversas partilhas havidas entre seus herdeiros.



04



05



06

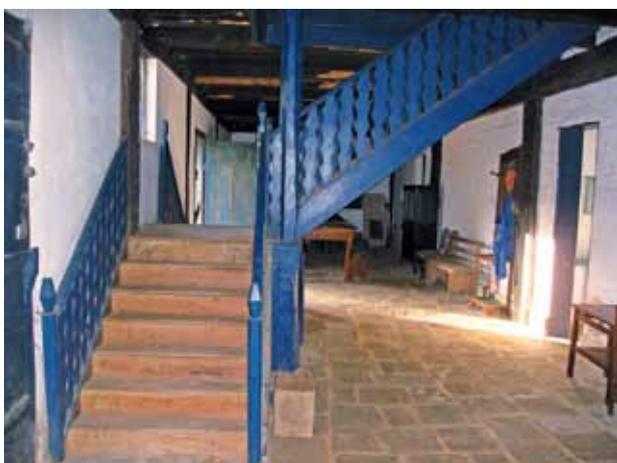
A casa-sede é uma construção de volumetria compacta com dois pavimentos, de planta retangular (f07), com porão habitável (f08). Sua arquitetura, que lembra a tipologia dos chalés urbanos comuns na 2ª metade do XIX, é desprovida de maiores requintes decorativos ou artísticos, tanto externa como internamente, levando a crer tratar-se de uma fazenda de trabalho ou secundária.

Possui arcabouço estrutural em madeira (pilares, frechais, madres e barrotes) e alvenarias de tijolos maciços, como é possível observar através de um pequeno desprendimento do reboco da fachada posterior (f09).

O telhado de duas águas – cuja cobertura deveria ser do tipo tradicional capa e canal – foi refeito recentemente, sendo substituído por telhas cerâmicas do tipo paulista.



07



08



09

A fachada principal apresenta, em seu pavimento superior, oito janelas de guilhotina de duas folhas, formadas por caixilhos envidraçados, com vergas e sobrevergas retas (f10), que se repetem nas demais fachadas. A pequena cimalha instalada sobre as vergas das janelas e o friso que arremata o peitoril se repetem no cunhal (f11).

No térreo, as janelas são menores, de duas folhas enrelhadas, protegidas por grades de ferro de padrão já contemporâneo (f12). Três dessas janelas na fachada posterior (f13) possuem uma parte fixa formada por caixilhos de vidro (f14). Ainda na fachada principal, estão localizadas as duas portas encilhadas de acesso à construção, guarnecidas por portal revestido com ladrilho hidráulico e degraus executados em um único bloco de pedra, conjunto esse complementado por uma estreita calçada construída com pedra de mão que circunda toda a construção (f15).



10



11



12



13



14



15

Nos frontões localizados nas fachadas laterais destacam-se dois respiros, recortados em madeira, que eram comumente instalados nas construções para promoverem a ventilação do entreferro (f16).

A principal característica dessa edificação, além da horizontalidade marcada pelo ritmo dos vãos das janelas no segundo piso, é a escada de madeira de dois lances, interligando os pavimentos e localizada no seu interior, que se destaca naquele ambiente extremamente simples, ornamentando-o com o seu guarda-corpo vazado, sendo fechada por pequena portinhola ao alcançar o patamar superior (f17, f18, f19).

No térreo, está instalado um grande salão (f20) pavimentado com pedra bruta rejuntada, onde se pode vislumbrar o barroamento que sustenta o assoalho do pavimento superior (f21). Nesse pavimento, encontra-se, ainda, a cozinha – com seu velho fogão a lenha (f22) e piso revestido com ladrilho hidráulico –, um banheiro e uma suíte. No segundo pavimento, estão instaladas as salas de visitas (f23), de jantar (f24), quartos e um banheiro. Com exceção deste último (f25), que apresenta piso de ladrilho hidráulico (f26), os demais cômodos exibem assoalho de tábua corrida do tipo paralelo (f27).



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27

As portas internas são do tipo encilhadas com bandeiras de vidro e maçanetas de madeira pintada (f28); as janelas, internamente, são do tipo enrelhadas (f29).

Destacam-se algumas peças de mobiliário das primeiras décadas do século XX, como as peças que compõem a sala de jantar – cristaleira (f30), *étagère* (f31) e *buffet* (f32) –, pequena mobília da sala de visitas (ver f23), além de uma antiga prensa para papel, em ferro fundido (f33).



28



29



30



31



32



33

O estado geral de conservação da casa-sede é muito bom. Atualmente, a Fazenda Caeté transformou-se numa chácara, pois a parte das terras onde está localizada a casa-sede encontra-se no perímetro urbano, conforme já dito anteriormente.

Segundo informações de seu proprietário, a sede da Fazenda Caeté seguia o padrão colonial, típico das propriedades da região edificadas no final do século XIX, caracterizado pela existência de porão alto e aberto. Havia ali também um anexo, ligado à casa, onde funcionava uma cozinha, posteriormente demolida pelo Dr. Sebastião Vieira. Numa das fachadas laterais, foi construída uma área de serviços coberta com telhas cerâmicas do tipo paulista (f34).

Como já registrado, o telhado, que originalmente era coberto por telhas do tipo capa e canal, foi refeito e substituído por telhas do mesmo tipo, mas no modelo paulista.

Defronte à casa-sede, existia um pequeno lago que era utilizado no lazer dos proprietários e para a criação de peixes. Com o passar do tempo e invasões recorrentes, o proprietário acabou optando por seu aterramento: ainda se pode avistar parte do que foi sua borda (f35).

Outra intervenção que se verifica é a substituição do forro de madeira por gesso (f36) em uma das reformas empreendidas.



34

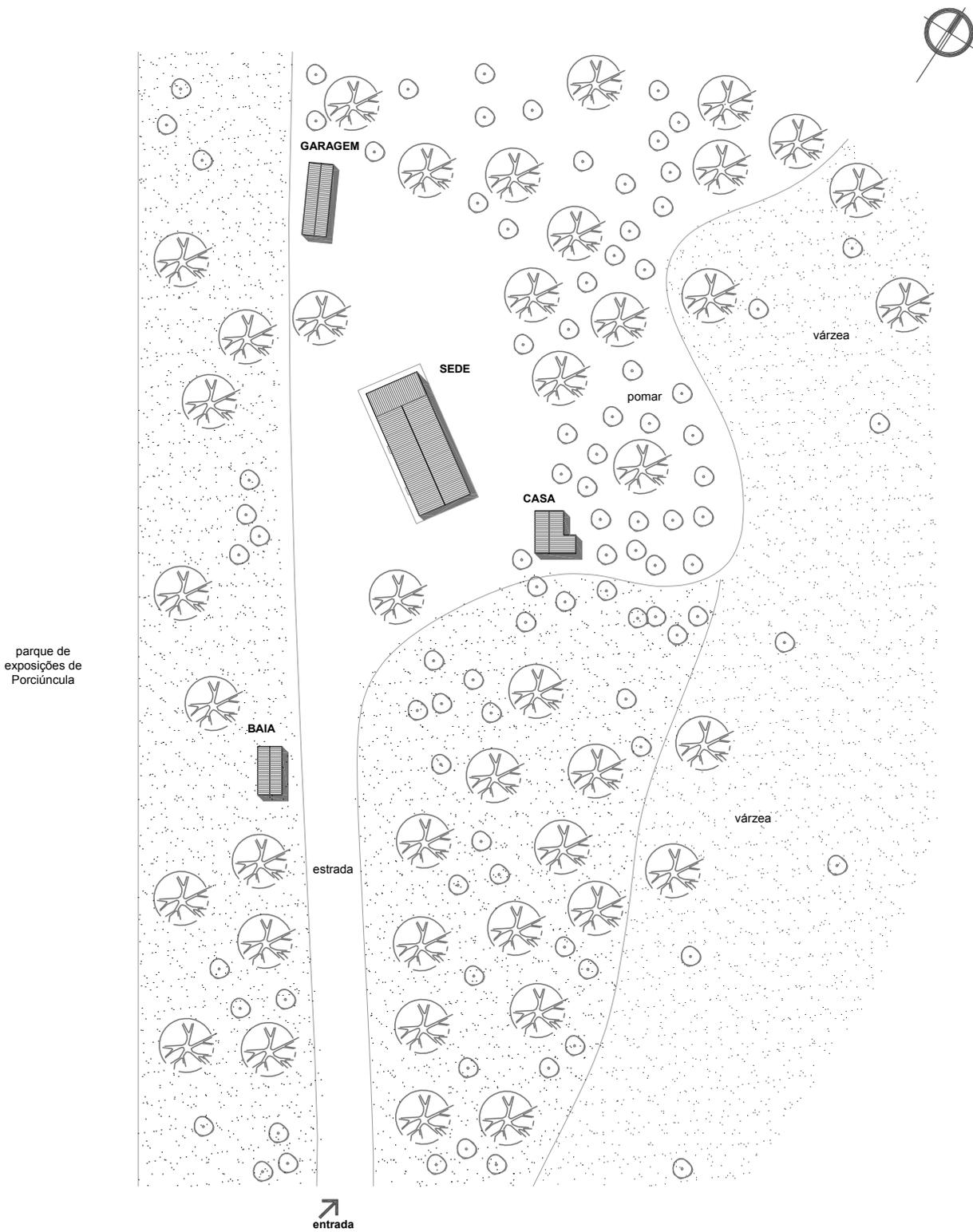


35



36

FAZENDA CAETÉ

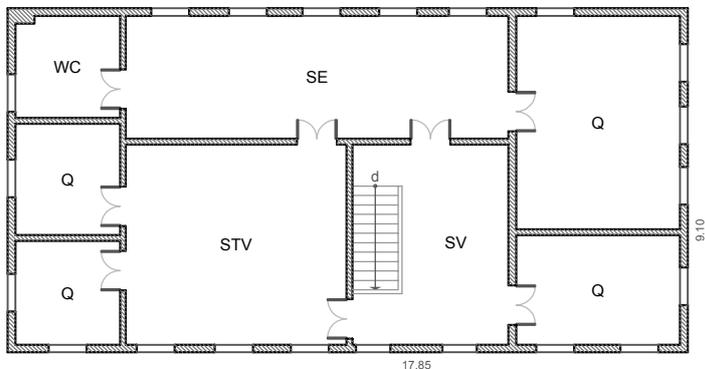


1 Implantação

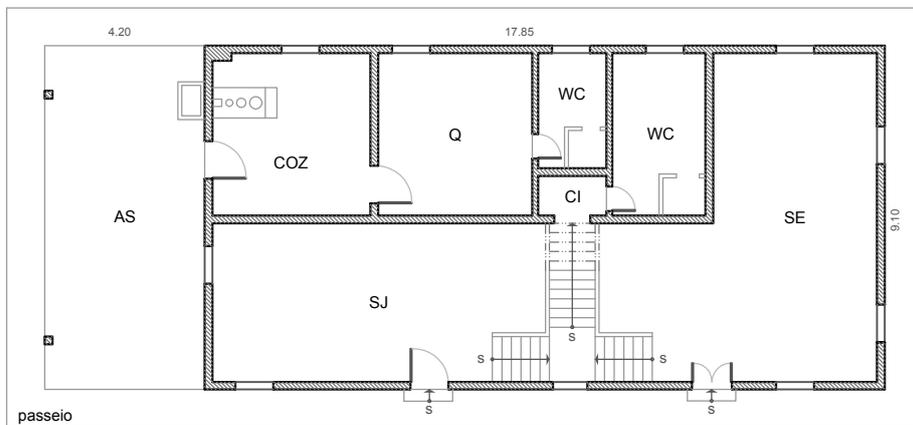
escala: 1/1000



FAZENDA CAETÉ



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/200



AS - área de serviço	COZ - cozinha	SE - sala de estar	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	Q - quarto	SJ - sala de jantar	SV - sala de visita		alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVII - F01- Por

2/2

equipe:
Marcelo Salim de Martino/ Vitor Caveari Lage

desenhista:
Jeancarlo Rabelo Ferreira

revisão:
Francyla Bousquet

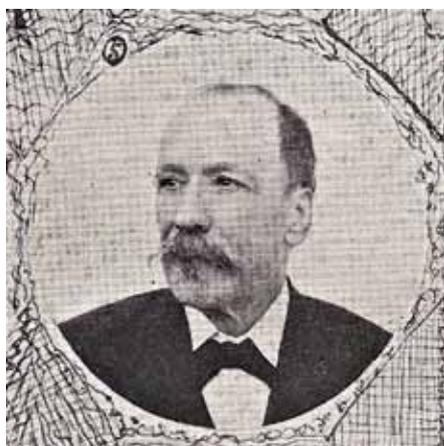
data:
abr 2010

O primeiro pé de café da região que engloba os atuais municípios de Itaperuna, Natividade, Porciúncula e Varre-Sai foi plantado em 1834, pelos irmãos de José de Lannes Dantas Brandão, com mudas que trouxeram de Macaé. A partir daí, diversas outras fazendas foram sendo implantadas por outros bandeirantes que se dirigiram para essa parte do Estado do Rio de Janeiro, atraídos pela fertilidade das terras nas proximidades com a zona da mata mineira.

Foi nesse contexto que surgiu a Fazenda Caeté (f37), que pertenceu ao coronel Custódio Gonçalves Vieira (f38). Mineiro de nascimento, o cel. Custódio foi casado com D. Ambrosina Schuwartz Vieira (f39), com quem constituiu família com numerosa prole (f40).



37



Fotografia do cel. Custódio Gonçalves Vieira, publicada no Álbum de Itaperuna, organizado pelo Dr. Leopoldo Muylaert Junior, em 1910, p. 28, verso

38



Acervo da Fazenda Caeté

39



Acervo da Fazenda Caeté

40

Em 1896, foi nomeado capitão-ajudante do Estado Maior do 7º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, conforme noticiou o Diário Oficial de 24/5/1896. No ano seguinte, hospedou, na Fazenda Caeté, o amigo Dr. Nilo Peçanha, quando da perseguição política do presidente Prudente de Moraes, após o atentado que resultou na morte do marechal Bittencourt.

O cel. Custódio Gonçalves Vieira era um homem influente, que gozava de grande prestígio na região, onde exerceu o cargo de presidente (1911) e vice-presidente da Câmara de Itaperuna (1914). Sua passagem no governo municipal, embora transitória, deixou marcada sua participação com uma obra importantíssima que foi a implementação de luz e força elétrica no município.

Radicado em Santo Antônio de Porciúncula, acumulou muitos bens e grande fortuna, tendo sido proprietário das melhores fazendas de Porciúncula, dentre as quais destacam-se as Fazendas do Triunfo, do Banco e da Barra.

O cel. Custódio faleceu aos sessenta e sete anos, conforme inscrições encontradas no jazigo da família no cemitério de Porciúncula – *14/01/1858 e + 31/05/1925 (f41, f42 e f43). De acordo com sua bisneta, Heliene Braz Resende, que preserva em sua residência a memória de sua família, “era um homem empreendedor, com um patrimônio enorme, o que permitiu que deixasse uma fazenda para cada filho”.



Jazigo da família Gonçalves Vieira no cemitério de Porciúncula - RJ 41



Jazigo da família Gonçalves Vieira, no cemitério de Porciúncula - RJ 42



Jazigo da família Gonçalves Vieira, no cemitério de Porciúncula - RJ 43

Segundo informação verbal do atual proprietário, com seus bem vividos noventa e seis anos e uma memória admirável, o cel. Custódio Gonçalves Vieira teve doze filhos: Ivo Gonçalves Vieira, proprietário da Fazenda Triunfo; Durval Gonçalves Vieira, mais conhecido por Sr. Dô, proprietário da Fazenda da Barra; José Custódio Gonçalves; Custódio Gonçalves Vieira, vulgo Dito, herdou parte da Fazenda Caeté (ele recebeu o mesmo nome do pai para manter a tradição e porque acreditavam os antigos que se não dessem o seu nome a um dos filhos, virariam lobisomem); João Gonçalves Vieira, casado com Maria Schuwartz Vieira, proprietário da Fazenda da Braúna e mais tarde de uma parte da Fazenda do Banco; e Antonio Gonçalves Vieira, o Tonho, único filho formado em Farmácia, mas que acabou se estabelecendo como comerciante e comprador de café. Entre 1919-1921, Antônio foi vereador em Itaperuna.

O casal teve, ainda, Wolfango, falecido ainda em criança; Edina Gonçalves Vieira, casada com Luiz José Matos Junior, médico de Campos, proprietário de outra Fazenda São José; Hortência Gonçalves Vieira, casada com José Francisco Braz Junior, comerciante de café e proprietário de outra parte da Fazenda do Banco; Anita Gonçalves Vieira, casada com um advogado do Rio de Janeiro, Dr. Otávio, também proprietários de uma parte da Fazenda do Banco; Durvalina Gonçalves Vieira, mais conhecida por Dudu, casada com David Cabral, proprietários da parte restante da Fazenda do Banco.

Por fim, Maria Gonçalves Vieira que se casou com Alberto Calvert, engenheiro-geógrafo, que foi prefeito de Itaperuna, de 1919 a 1923, tendo contribuído para a prosperidade do município, com ações nas áreas de saúde pública, estradas rurais e instrução. O casal residiu na Fazenda Caeté, onde fizeram muitos melhoramentos. Na região da Fazenda Caeté, existem alguns pés de sapucaia (f44), árvore da flora brasileira que se destaca na paisagem pelo seu porte e beleza, contribuindo ainda mais para a valorização da área, que possui potencialidades para se transformar num grande complexo turístico-cultural, dada sua proximidade com o parque de exposições, com a RJ-220 que liga Itaperuna a Tombos e, finalmente, com o centro da cidade.



44

Fontes:

Acervo do pesquisador Gérsio Barreto Calzolari.

ARGOLLO, André, *Arquitetura do Café*. Editora Unicamp. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXII. IBGE, 1959.

JUNIOR, Leopoldo Muyaert, *Álbum do Município de Itaperuna*. 1910.

SIMONSEN, Roberto, *Aspectos da História Econômica do Café*. Separata dos Anais do Terceiro Congresso de História Nacional. Volume IV. Publicação do Instituto Histórico. Imprensa Oficial, 1942.

SILVA, Edésio Barbosa da, *Subsídios para a História de Porciúncula*. Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 2000.

TELLES, Augusto C. da Silva, *O Vale do Paraíba e a Arquitetura do Café*. Capivara Editora Ltda, 2006.

Informação verbal obtida através de entrevistas com o Dr. Sebastião Vieira Lannes e Helene Braz Resende, moradores de Porciúncula - RJ.